

THE MISTERY OF ISRAEL

Diego Rafael da Silva Barros¹

DOUKHAN, Jacques B. **The Mistery of Israel**. Hagerstown, MD: Review and Herald, 2004, 143 p.

Jacques B. Doukhan é doutor em língua e literatura hebraica pela Universidade de Estrasburgo e doutor em Exegese do Antigo Testamento pela Universidade Andrews, onde lecionou por vários anos, hebraico, exegese do Antigo Testamento e estudos judaicos. Foi editor-chefe do periódico *Shabbat Shalom*, revista voltada para diálogos e reflexões entre judeus e cristãos, e é autor de livros que exploram este ponto de contato entre judaísmo e cristianismo. Dentre os autores adventistas do sétimo dia, Doukhan tem se destacado como principal expoente desta vertente literária.

Na obra *Mistery of Israel*, Jacques Doukhan propõe-se a responder os enigmas referentes à importância do povo judeu para todas as épocas, e, em especial, para a era atual. Com destreza singular, o autor discorre sobre porque um grupo populacional que corresponde a apenas 0.5% da população mundial tem atraído os holofotes de uma parcela significativa do restante do mundo.

De fato, os judeus se erguem na história da terra como um monumento histórico. Eles sobreviveram ao tempo, ao exílio, ao cativeiro, à dominação, à diáspora e ao holocausto. Um pequeno povo que nunca chegou a ser uma superpotência mundial na antiguidade, entretanto conservou raízes e cultura mesmo tendo sido espalhados pelos quatro cantos da terra. Ademais, deste pequeno grupo populacional surgiram grandes expoentes da história mundial. Karl Marx, Sigmund Freud, Albert Einstein, são exemplos citados por Doukhan (p. 7) para atestar que, de mentes judias, procederam ideias que ajudaram a modelar o mundo em sua configuração atual. Não há dúvidas: o povo judeu tem, sim, algo de especial.

Justificando o título de mistério, o autor seguirá caminhos, que antes eram tratados como sem saída, no labirinto misterioso de seu trabalho, respondendo perguntas como “*Foi Israel rejeitado por Deus?*” e “*Quem é Israel hoje?*”. Em sua introdução, Jacques Doukhan critica os teólogos adventistas que se aventuraram a responder estas questões sem o devido esmero e

¹ Aluno formando do curso de Bacharel em teologia pelo SALT-IAENE – Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia/Instituto Adventista de Ensino do Nordeste. E-mail <diego.rafael.barros@gmail.com>.

conhecimento. São denunciados pelo autor, três erros recorrentes quando se abordam questões relacionadas ao ponto de vista teológico sobre as questões anteriormente citadas (p. 8), a saber, 1) adoção da tradicional teoria da rejeição sem base exegética para tanto; 2) ênfase exagerada na ideia de Deus ter amaldiçoado os judeus; e, 3) a incongruência entre a teoria da rejeição e a perspectiva eclesiológica dos adventistas do sétimo dia.

Na primeira seção do livro, Jacques Doukhan trata da teoria da rejeição-supersessionista. Para Doukhan esta é a mais antiga e a mais defendida teoria cristã sobre o povo Judeu (p. 11). Ao traçar uma pequena, porém suficiente, linha cronológica que vai de Justino Mártir, Agostinho e Tomás de Aquino até Martinho Lutero e Rudolf Bultmann, Doukhan resume esta teoria na máxima: Israel falhou! (p. 11). Por isso, os cristãos tomaram o lugar dos judeus, que foram rejeitados por Deus inaugurando um novo pacto que exclui o povo da Antiga Aliança. Para os olhos do autor está claro: esta ideia favorece a sobreposição do Novo Testamento ao Antigo (p. 12) e semeia o antissemitismo (p. 13).

Para Jacques Doukhan, é importante escrutinar os textos-chave para os advogados desta teoria e, por essa razão, ele se ocupa em responder as proposições dos defensores da hipótese da rejeição-supersessionista. Ao tratar, por exemplo, da parábola da videira (Mt 21:33-46), o hebraísta pressupõe que o v. 43 refere-se aos líderes do povo, e não a todo o Israel (p. 16). Já com respeito à acusação de envolvimento nacional no deicídio de Cristo, Doukhan recorre a Isaías 53 para mostrar que Jesus foi morto pelos pecados não apenas de judeus, mas também de romanos e cristãos (p. 22). Para explicar a questão da maldição reivindicada pelo povo em Mateus 27:25, o autor recorre a lógica do segundo mandamento de que os filhos só são amaldiçoados até a quarta geração, no máximo, não podendo assim a maldição vigorar até os dias de Hitler, nem muito menos aos da atualidade.

Continuando na primeira seção, um enfoque especial é direcionado para a árvore de oliveira de Romanos 11 e para a profecia das setenta semanas de Daniel 9. No primeiro caso, o autor demonstra, entre outros fatores, a importância da compreensão do significado da expressão “*todo o Israel*” para melhor entendimento do assunto. Já com relação à Daniel 9, Doukhan lista oito argumentos para rebater a teoria da rejeição-supersessionista.

A segunda seção da obra aborda a teoria dispensacionista, comum no evangelicalismo atual, que teve como precursor J. N. Darby. Esta teoria encara a igreja como um parêntesis (p. 50); Israel, embora tenha falhado terá seu lugar restituído no final dos tempos. A igreja será arrebatada misteriosamente, para dar seu lugar ao Israel restaurado que por mil anos serão os despenseiros de Deus na Jerusalém terrestre. Algumas considerações importantes são levantadas por Doukhan, neste ponto. Talvez o principal deles seja o fato de que “Jesus e os discípulos não pretendiam criar uma nova dispensação, nem

muito menos uma nova religião” (p. 53). Por muito tempo, os cristãos eram contados entre as seitas judaicas de sua época (cf. At 24:5), o que demonstra uma prerrogativa não separatista no seio do cristianismo primitivo. A igreja não negava, então, suas raízes judaicas.

Retomando Daniel 9, Doukhan utiliza o texto para combater agora as pressuposições dispensacionalistas. Em seguida, ele analisa as profecias de retorno de Israel, inclusive as referentes à reconstrução do templo, e demonstra o que para ele são os rumos exegéticos corretos a serem tomados nestes casos. Ademais, a teoria dispensacionalista, embora tenha contornos de teologia vitoriosa para Israel está infectada de antissemitismo, como demonstrado pelo autor. Isto pode ser verificado na crença dispensacionalista no Holocausto Final, que põe o capítulo mais negro da história do povo judeu no futuro, profetizando um sofrimento sem precedentes antes de uma suposta conversão em massa de judeus ao cristianismo.

A terceira seção é constituída de uma proposta singular e inovadora na teologia cristã. Doukhan a denomina de “*Teoria das duas testemunhas*”. Aqui, o autor interpreta as duas testemunhas mártires de Apocalipse 11:3, como sendo uma referência aos dois Testamentos da Escritura Sagrada. Esta não é uma sugestão inovadora, uma vez que a teologia adventista propõe esta visão dos fatos há várias décadas. Entretanto, para Doukhan, a referência às testemunhas transcende a alusão aos Testamentos e faz “referência aos dois povos que os transmitiram” (p. 77), ou seja, Israel (os judeus) e a Igreja (os cristãos). Para Doukhan, Israel e a Igreja constituem os dois lados da moeda da Revelação.

A quarta seção emerge como considerações da terceira, e é intitulada “*O papel profético de Elias*”. Os adventistas do sétimo dia consideram fazer parte de um movimento profético que tem Elias como modelo. Uma profecia encontrada em Malaquias 4:6 que fala da vinda do profeta Elias para “converter o coração dos pais aos filhos” e vice-versa, demonstra a natureza de reconciliação da denominação. Apoiado, neste pressuposto adventista, Doukhan, nesta seção, faz uma apologia à reconciliação dos judeus e cristãos (e por que não dizer Cristo, também?). Para ele, isto deve ser feito vencendo as barreiras do antissemitismo (p. 91-96) e promovendo-se um movimento de missão aos judeus (p. 96-100).

Abruptamente, Doukhan inicia o penúltimo capítulo como se fosse uma consideração necessária antes da conclusão. “*O que então é Israel?*” é a indagação levantada por Doukhan, que preparou a mente do leitor em toda a obra para a resposta não tão simples. Esta definição sem dúvida era uma lacuna a ser preenchida na argumentação do autor, uma vez que tantos novos conceitos foram trazidos à tona e explorados. Doukhan, então, divide Israel em quatro grupos, a saber, 1) o Israel bíblico, composto pelos descendentes de Jacó e também de povos de outras nações que aderiram a religião bíblica

2) O Israel judaico, representado especialmente pelas comunidades *ashkenazi* e *sefaradi* existentes na atualidade, guardiões dos costumes e cultura dos judeus; 3) O Israel cristão, que foi eleito por Deus em Cristo; e 4) o Israel escatológico, grupo este idealizado pela Bíblia, de onde virão povos de todas as nações e se voltarão a Deus. Todos estes são Israel, e nenhum destes pode reclamar unicamente para si tal título.

A conclusão da obra é muito pontual, Israel não é definido pelo sangue ou pela carne. Os novos céus e a nova terra aguardarão o Israel de Deus em sua composição final, sem separações, mas por enquanto o mistério de quem é Israel permanece. Não chegamos ao fim do labirinto. Só Deus conhece quem de fato faz parte de Israel e Ele os selará para a eternidade.

Sem dúvidas, um ponto alto da obra que não deve deixar de ser mencionado é o apêndice “*Ellen White e os judeus*”. Neste apêndice Jacques Doukhan utiliza textos extraídos de diversas obras da sra. White para apoiar suas pressuposições teológicas, sua argumentação de reconciliação e textos de encorajamento aos ministros e leigos adventistas em sua missão aos judeus. Estes textos são a prova de que ele não está desenvolvendo uma nova teologia, apenas está retirando do seu baú coisas novas e velhas (Mt 13:52). Para qualquer autor adventista do sétimo, o testemunho comprobatório dos escritos de Ellen White é uma salvaguarda de que o autor não destoa do pensamento da comunidade, e Jacques Doukhan não abriu mão desta garantia.

“*Mystery of Israel*” nem de longe esgota o tema proposto. Entretanto, serve como um primoroso e ousado ponto de partida para que a teologia adventista tenha suas teorias sobre sua teologia da missão aos judeus reavaliadas. Isto, por si só, torna a obra “um volume que deve ser lido por todos os adventistas”, como declarado por Angel Manuel Rodriguez na contracapa do livro, e demonstra os esforços de Jacques Doukhan em sistematizar a busca de Deus por *todo Israel*.

Enviado 11/10/13

Aceito 12/11/13